MÚSICA

INFLUÊNCIAS DE LISZT SÔBRE WAGNER

Há um estudo de Pierre Lalo, musicólogo francês que foi crítico do "Temps", sôbre Franz Liszt que toca muito de perto a questão das influências recebidas por Wagner de quem haveria de ser, contra a vontade, seu sogro. Liszt, pianista prodigioso, e compositor de música pianística, absorve as atenções, mas aí não dispomos da melhor perspectiva para avaliá-lo em têrmos de grandeza histórica duradoura. Mesmo ao piano, é hábito encará-lo dentro de um pressuposto de virtuosidade acrobática, que lhe desnatura as feições. Certo, desde a infância, maravilhou a Europa, como pianista. Menino-prodígio, só encontraria talvez paralelo em Antônio Rubinstein, a juízo dos contemporâneos. E sem dúvida o povo, a generalidade do público, era principalmente sensível aos predicados exteriores da sua execução, ao brilho da técnica formidável, ao domínio do instrumento em um grau superlativo. O grande pianista Liszt, porém, foi, acima de tudo, o intérprete. Acentua Lalo que êle dispunha, para exprimir o sentido e a beleza das obras dos mestres, de um estilo de sobriedade, nobreza e possança sublimes. Os músicos do seu tempo são unânimes a êsse respeito, equivalendo-se os testemunhos de Schumann, de Berlioz, e de Wagner. O último, então, manifestou-se nestes têrmos: "Quem quer que haja ouvido Listz tocar as Sonatas de Beethoven pode reconhecer que não se tratava só de execução, mas de criação verdadeira. O caráter essencial da interpretação de Liszt era êste: o que êle exprimia ao piano, e o que o autor exprimira com papel e pena se identificavam intimamente."

Virtuose soberano, Liszt compôs música pianística que confere pleno relêvo aos recursos de virtuosidade dos intérpretes. Essa parte da sua obra serviu e ainda serve de cavalo de batalha aos pianistas que caem sob o fascínio de seus efeitos de retórica. E' música que se nutre, via de regra, de sonoridade, de um pitoresco romântico e bulhento de uma espécie de "tziganerie" agressiva, de sentimentalidade banal, que se mistura a uma ênfase fácil e a uma fácil grandeza. De permeio, entretanto, a êsses defeitos, surgem qualidades soberbas: a musicalidade profunda, correntia, e a constante invenção, no plano pianístico. Liszt, sabe-se, renovou a técnica do seu instrumento. E ainda, entre as suas obras para piano que, em geral, não fogem a uma certa superficialidade, destaca-se um monumento definitivo, a Sonata em si menor, dedicada a Schumann (e incompreendida por êste), a cuja eloqüência não se poderia acusar de ter emprêgo menos legítimo, tão alto e vibrante é o lirismo da obra. À Sonata acrescenta Lalo as "Variações sôbre um tema de Bach", dignas do próprio Bach, pela gravidade, a plenitude, a possança". Como esquecer, ainda, certas páginas das "Harmonias poéticas e religiosas", ou "Les Jeux d'eau de la Villa d'Este", página impressionista, precursora de Ravel?

Mas a parte principal dos trabalhos de Liszt, desconhecida, aliás, enquanto vivia o autor, reside nas grandes obras para orquestra, poemas sinfônicos ou composições religiosas. Aqui chegamos diretamente ao capítulo das influências que êle exerceu sôbre Wagner. Pode-se admitir, em face das verificações de Pierre Lalo, e de tantos outros, que Wagner não teria existido sem Liszt?

"O método wagneriano da transformação dos temas — escreve Lalo — foi Liszt quem o imaginou e pôs em prática, alguns anos antes que Wagner o empregasse. Franz Liszt é o inventor do desenvolvimento wagneriano. Acredito que êle não haja inventado tôdas as suas peças, e que por sua vez tenha sofrido forte sugestão com as deformações temáticas que Berlioz ensaiou no último trecho da "Sinfonia Fantástica"; mas êsse ensaio de Berlioz era rudimentar, enquanto os poemas sinfônicos de Liszt constituem uma realização já perfeita.

No período que vai de 1845 a 1855, quando escreveu a maioria dos seus poemas, Listz parece, de certa maneira, dominar a um tempo Berlioz e Wagner. O que não passou de esbôço, na música do primeiro, êle realizou. E ainda o segundo não havia escrito uma só nota do "Anel", do "Tristão", dos "Mestres Cantores", e Liszt produzia obras onde se manifesta em tôda a sua fôrça o princípio sôbre o qual seria fundado o sistema wagneriano.

E Lalo prossegue, acrescentando que "êsse método geral de transformação dos motivos não é a única novidade dos poemas de Liszt: o pormenor é tão original quanto o conjunto. Êsses poemas mostram, a todo instante, efeitos de harmonia e de instrumentação que ouvimos nas obras de Wagner, mas que não são de Wagner, pois pertencem a Liszt. E' aliás instrutivo e divertido verificar, estudando-se Liszt, tudo quanto Wagner lhe deve. Não existe uma só obra do sogro onde o genro não haja ido buscar alguma idéia melódica, ou harmônica, ou instrumental. Porque as datas o provam. Liszt veio primeiro. Saúda-se, assim, de passagem, um esbôço dos "Mestres Cantores", um pressentimento do "Parsifal", ou então, como na "Fausto Sinfonia", encontra-se uma passagem inteira da "Walkiria", o sonho de Brunnhilde, autêntico e textual, com a linha descendente cromática que o caracteriza."

Os poemas sinfônicos de Liszt influenciaram, aliás, inúmeros compositores, franceses, germânicos, como Richard Strauss, e russos. Essa prodigalidade criadora do músico de Weimar se completa pela face da sua generosidade pessoal. E êle se tornaria um benfeitor da arte. Impôs as últimas obras de Beethoven, propagou a glória de Schubert pela Europa, foi amigo fervoroso de Berlioz e por último, reconheceu e proclamou o gênio estranho de Mussorgsky. Não há dúvida de que a cena musical do século XIX teria sido diversa, infinitamente menos rica, sem a personalidade poderosa de Franz Liszt.

EURICO NOGUEIRA FRANÇA

AUDIÇÃO, HOJE, DE "JOVENS TALENTOS MUSICAIS"

Como noticiamos, realiza-se hoje, às 17,30 horas, no auditório do Ministério da Educação, a audição de bolsistas — "Jovens Talentos Musicais" — que desde fevereiro do corrente ano recebem o benefício do ensino musical e intelectual proporcionado por aquêle Ministério, através do Departamento Nacional de Educação. Dois pianistas, Sheyla da Silva Brasileiro e José Mauro Dias Leal, e um flautista, Celso Porta Woltzenlogel, são os participantes da audição, cuja entrada é franca.

AUDIÇÃO DO CORAL DE BACH

Amanhã, às 20,30 horas o "Coral de Bach" dará uma audição de músicas de Natal, na Igreja Matriz de Santa Tereza. O concerto se realizará sob o patrocínio das entidades paroquiais da Igreja Matriz de Santa Tereza. A iniciativa está despertando interêsse, pois serão apresentados músicas e cantos próprios de festejos de Natal, audição precedida de uma palestra de Dom Estevão Bitencourt especialmente convidado. Entrada franca.

CORAL MURILO DE CARVALHO

Realiza-se domingo, às 21 horas, na Escola Nacional de Música, a primeira apresentação pública do "Coral Murilo de Carvalho".

Constituído de alunos e amigos do mestre desaparecido, êsse Coral cantou o "Requiem", de Mozart, no 7.º e 30.º dias de sua morte, e acaba de gravar um L.P. com músicas de Natal.

Regerão o conjunto os maestros José Siqueira e Kurt Pinkuss.

LONGEVIDADE

Em 1872, foram recenseados no Brasil 160.259 pessoas que tinham 80 anos ou mais. Em 1890, o número dêsses longevos havia diminuído para 24.193 e em 1900 para 64.215. Voltou a crescer em 1920 (125.067). Atingiu 171.711 em 1940 e, no último Censo, ultrapassava a casa dos 230 milhares (298.703). Em 1950, consoante os dados colhidos pelo IBGE, a população de mais de 60 anos de idade era da ordem de 2,2 milhões.

BALLET NO MUNICIPAL

Amanhã, às 20 horas, realizar-se-á, no Municipal, um espetáculo de ballet das alunas da Escola de Ballet do Club Municipal, sob a direção da professôra Noemia Edelman. Os associados poderão procurar os ingressos na Superintendência do Club.

TRINTA HORAS SOB A MIRA DE UMA PISTOLA

Pela primeira vez, em 30 horas, o guarda Little experimenta uma sensação diferente — ninguém estava apontando uma arma contra êle. Leia em Seleções de dezembro êste notável artigo policial e mais 29 outros, juntamente com o impressionante livro: "A IMPORTÂNCIA DE SENTIR-SE INFERIOR". Adquira, ainda hoje, seu exemplar de Seleções de dezembro. À venda em tôdas as bancas.

EM S. PAULO MENORES NÃO ASSISTIRÃO A "GUENDALINA"

SÃO PAULO — (Sucursal) — O Juizado de Menores atendendo à representação da Comissão de Cinema e parecer da Curadoria de Menores, deliberou, através de portaria baixada ontem, proibir o ingresso de menores de 18 anos em todos os estabelecimentos ou locais desta capital em que esteja sendo ou venha a ser exibido o filme italiano "Guendalina". Esta película foi considerada, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas, imprópria para menores até 10 anos apenas.

PAGAMENTOS E AUDIÊNCIAS NO TESOURO NACIONAL

A Diretoria da Despesa Pública comunica aos interessados que os pagamentos que, por qualquer motivo, deixaram de ser feitos, nos dias determinados na tabela, a aposentados e pensionistas, serão promovidos por cheques suplementares e, efetuados, exclusiva e impreterivelmente, no período de 23 a 30 do corrente mês, conforme tabela a ser oportunamente fixada e divulgada.

Comunica, outrossim que, em virtude dos trabalhos do encerramento do exercício financeiro, não haverá pagamentos no Tesouro Nacional a 31 do corrente, data destinada exclusivamente ao levantamento do balanço de receita a despesa, ficando, ainda, durante o mês corrente suspensas as audiências públicas dessa Diretoria.

TEATRO

"O TESOURO DE CHICA DA SILVA" ESTREOU NA BAHIA

Dirigida por Gianni Ratto e vestida por Luciana Petrucelli a mulata de Diamantina ressuscitou, dentro de sua Chácara, em Salvador

Segunda-feira última, nos jardins da Escola de Teatro da Universidade da Bahia, em Salvador, foi pela primeira vez representada a peça em 1 ato de Antonio Callado intitulada "O Tesouro de Chica da Silva".

A intenção do autor foi fazer, com "Chica", um complemento ao espetáculo de "Pedro Mico": Chica é a escrava do século dezoito mineiro que conseguiu transformar-se no "diamante do Contratador de diamantes" e o Mico é o malandro carioca que impõe respeito à sociedade em que vive com o cano do revólver e as escadas de corda de ladrão arrojado. A Chica dá ao autor oportunidade de usar, como na "Cidade Assassinada", uma linguagem teatralmente válida e fluente mas derivada do velho português de lei, enquanto o "Mico", como sabem os que estão indo ao Teatro de Bôlso na presente temporada, é gíria carioca quase em estado puro

Como "Pedro Mico", porém, "Chica" virou espetáculo autônomo. Dirigida por Gianni Ratto, a quem o moderno teatro brasileiro deve alguns memoráveis espetáculos, e com figurinos de Luciana Petrucelli, que fêz pesquisas especiais para reconstituir o ambiente de Diamantina no meio do século XVIII, a "Chica", representada em cima da relva e debaixo das mangueiras da Bahia, transformou a segunda-feira passada numa espécie de luminoso domingo teatral... Um fundo de escadarias e muros de azulejo com Chica e suas doze mucamas conversando, chilreando, tramando contra o conde de Valadares, conseguiram no jardim da Escola de Teatro de Martim Gonçalves, uma espécie de ressurreição da Chácara da Chica no Tijuco.

Só um ator profissional, Antônio Patiño, figurava no elenco, personificando o Contratador João Fernandes. Eram alunos da escola os demais: Nevolanda Amorim, uma deliciosa e endiabrada Chica; João Gama, um Valadares cheio de rapé e gota; Othon Bastos, (começou no Duse) um sério e romântico D. Jorge, e, finalmente, Cláudio Reis, como o insolente Capitão da Guarda. Como é professor de esgrima, Cláudio Reis transformou o duelo da peça numa luta que enfeitava os muros da escola com tôda a gurizada da Canela, olhos esbugalhados, torcendo por D. Jorge.

As doze mucamas eram chefiadas pelas alunas Gracia Maria e Maria Francisca e incluíam, mais: Carmen Bittencourt, Antonieta Bispo, Joana de Castro, Eda Mota, Geralda França, Yeda Rodrigues, Safira dos Reis, Darcy Pinto, Creusa Lima e Jurema Penna.

CHICA DA SILVA OU CHICA QUE MANDA

Pompadour de Barro de Garimpo

Chama-se "A Barca" o grupo de intérpretes da Escola de Teatro da Universidade do Recife. A introdução à peça que Antonio Callado escreveu para o programa nós a reproduzimos aqui:

A figura da Chica da Silva, como sugestão para teatro histórico, tem para mim as duas qualidades principais: ela é viva e vaga. Falsificar deliberadamente a História (inventar um amor para Napoleão, etc.) é um processo tão desagradável quanto segui-la muito à risca. O remédio, portanto, para se fazer teatro de inspiração histórica é buscar uma figura suficientemente histórica para representar seu tempo e suficientemente vaga para permitir que o dramaturgo fabrique com liberdade seus mitos a respeito.

Viva a Chica é. Quando nas "Memórias do Distrito Diamantino" de Joaquim Felício dos Santos, a gente chega ao capítulo Quinze, a Chica salta do relato histórico como uma borboleta azul que saísse voando do livro. Ela nos chega coberta de brilhantes, acompanhada de "doze mulatas esplêndidamente trajadas". Só ela "partilhava o poderio" do desembargador João Fernandes de Oliveira, "rico como um nababo, poderoso como um príncipe, pequeno soberano do Tijuco". E conta o historiador: "Francisca da Silva, que nunca tinha saído do Tijuco, por um capricho feminino, quis ter idéia de um navio. João Fernandes apressou-se em satisfazê-la: mandou abrir um vasto tanque e construir um navio em miniatura, que podia conter oito a dez pessoas, com velas, mastros, cabos e todos os mais aparelhos das grandes embarcações". Isso, no parque da famosa Chácara da Chica da Silva, onde "havia jantares suntuosos a Luculo, à tarde passeios no jardim e pescaria no tanque em escaleres dourados, à noite, bailes e representações teatrais: representavam-se os Encantos de Medéia, o Anfitrião, Porfiar Amando, Chiquinha por amor de Deus, e outras peças conhecidas daqueles tempos".

E não se diga que Chica era apenas uma boneca mulata que a paixão do Contratador recamara de diamantes e instalara na Chácara como quem põe, por bizarria, numa cadeira Luiz XV, uma dessas bonecas baianas do Mercado. Chica tinha tutano. "Quem pretendia um favor do Contratador a ela primeiramente devia dirigir-se" e, acrescenta Joaquim Felício, "uma anedota mostrará como ela tratava os portuguêses, que a seu turno tratavam os brasileiros com o maior desprêzo". A anedota é que um grupo de portuguêses em busca de fortuna deu com os costados no Tijuco — e foi pedir a proteção de Chica. Chica chamou um escravo e lhe disse: "Cabeça", trata dêsses marotinhos". E em seguida, "como um favor especial mandou que fôssem trabalhar com os escravos nos serviços do Contrato".

No entanto, essa mulher é também muito vaga. Quem foi exatamente a Chica da Silva, também chamada "Chica que manda?" Nazaré Menezes, anotador da obra de Joaquim Felício, diz que ela era "filha do português Antônio Caetano de Sá com uma negra africana de nome Maria da Costa" e protesta contra o fato mais extraordinário do relato de Felício: a descrição física de Chica: "as feições grosseiras, alta, corpulenta, trazia a cabeça raspada e coberta com uma cabeleira anelada em cachos pendentes; não possuía graças, não possuía beleza, não possuía espírito". Eu acho que sei por que Felício, contraditório, descreve as façanhas da Chica com tanta inspiração e deixa traça um retrato tão mortífero. No mesmo capítulo, para justificar um trecho emotivo, e que poderia ser inquinado de história romanceada, êle diz em nota que pode "asseverar a autenticidade dos fatos", pois os conhecia "da tradição e testemunho de pessoas respeitáveis e fidedignas, que tivemos o trabalho de consultar, que os ouviram dos contemporâneos de João Fernandes, que os conheceram e foram testemunhas oculares". Estou daqui a ver o môço Joaquim Felício, conversando, na Diamantina aí dos 1850, sôbre essa fascinante Chica, que florescera na Diamantina de quase um século antes, insistindo com os velhos e velhas da sua família e da sua cidade": "Mas como era a Chica? Devia ser bonita à bessa, não?" E ouço os velhos que respondem balançando a cabeça: "Uma preta medonha. Sua tia-avó, minha mãe, dizia sempre que não se entendia como é que um homem fino podia se apaixonar por uma coisa como a Chica, com aquela beiçola", etc., etc. As Sinhás tiravam sua vingança póstuma. E os Sinhôs, que haviam deitado olhos gulosos à Chica, onde iam buscar coragem para descrever certo?

E' bastante vaga, a Chica. Como terá acabado, depois que o Fisco de Lisboa acabou com João Fernandes?

Ninguém sabe. Ela ardeu como um fogo de mata no Tijuco molhado, lançou um absurdo clarão mozartiano em nosso rude século XVIII, e se apagou, deixando Diamantina bem mais triste. Essa mulata tão tipicamente mulata, filha de um português com uma Maria da Costa, escreveu um das poucas páginas capitosas da nossa História. E' a nossa Pompadour de barro. Mas barro de garimpo, fuzilante de pedras.

ANTONIO CALLADO

D. E. para D.: Fabio Sabag (Felipe), Oswaldo Loureiro (Harold Goff) Cláudio Corrêa e Castro (Jonas) em uma das mais impressivas cenas de "A Fábula de Brooklyn", de Irwin Shaw, tradução de Millôr Fernandes, direção e cenários de Geraldo Queiroz, pelo "Teatro da Praça".

PUBLICAÇÕES

Recebemos as seguintes:

União Pan-Americana, com os trabalhos: O desenvolvimento dos mercados regionais na América Latina — Financiamento do desenvolvimento econômico na América Latina — Problemas básicos interamericanos no campo econômico — Instabilidade nos mercados mundiais de produtos primários, antecedentes gerais — Cooperação técnica para o desenvolvimento econômico, programas da OEA.

Reino dos Sagrados Corações, n. de dezembro: Boletim do Centro e Federação das Indústrias do Estado de S. Paulo, n. de 26 de novembro; A Prudência, em revista, n. do trimestre julho-setembro.

CINEMA

TORMENTA NO PARAÍSO

(Raw Wind in Eden)

*Direção de Richard Wilson * Produção de William Alland * Screenplay de Elizabeth e Richard Wilson, baseado numa história de Dan Lundberg e Elizabeth Wilson * Fotografia (EastmanColor) de Enzo Serafin * Música de Hans Salter * Direção musical de Joseph Gershenson * canção "The Magic Touch" de Jay Livingstone e Ray Evans * Cast: Esther Williams, Jeff Chandler, Rossana Podestà, Carlos Thompson, Rick Battaglia, Eduardo de Filippo. — Universal-International, CinemaScope, 1958.*

Esther e Carlos

Já no prólogo, irrompe de corpo inteiro a beleza primitiva, selvagem como em La Red, de Rossana Podestà, usando melhor o dialeto do que Jeff Chandler o revólver (e Eduardo de Filippo a luneta), quando se aproxima da ilha o bote do pescador sardo que tem o intuito (ou a esperança) de recuperar a môça a tiros de espingarda. Os títulos ainda não apareceram e, em cena mais insólita, senão surrealista, irrompe também Esther Williams, sob manto negro, nas ruínas da Roma histórica onde um carneiro estava e continua tranqüilamente pastando.

Depois desta "citação" de Cocteau, vêm então os letreiros de Raw Wind Ind Eden. A história fica, com Esther, uma seqüência em Roma, o suficiente para informar a platéia da profissão da môça (modêlo de revistas femininas) e que o milionário de quem ela espera uma resposta apenas havia aplicado o "conto do divórcio", nunca tendo pensado em separar-se da mulher — como diz a Esther o playboy (ou amigo da onça) Carlos Thompson. De Roma, a história parte, via aérea, com destino a Maiorca, mas não chega até lá: no meio do caminho, falta gasolina, e o avião tem de descer mesmo naquela ilha, perto da Sardenha, onde se encontravam o velho vigia, o misterioso americano e a bonita Rossana que tão bravamente resistiam, no início, à arremetida do pescador sardo (Rick Battaglia).

Uma vez iniciada, a narrativa de Raw Wind in Eden não demora a mostrar-se como um centro anárquico, onde todos os personagens — tantos os cinco da ilha quanto o sexto, o teimoso e aquático sardo — reagem de preferência "à la diable". As discussões são em cadeia, o único a ficar de fora é De Filippo, embora tenha os mais lícitos desejos de entrar mais na história, como as suas mãos (nada bobas) deixam perceber nas coxas de Esther. Carlos deseja Esther, que deseja Chandler, que deseja Rossana, que não deseja Carlos — ou também: Carlos deseja Rossana, que deseja Chandler, que deseja Esther, que não deseja Carlos. Isso não contando o sardo, cujas vindas e idas têm por objetivo, como diz filosòficamente o velho vigia, a captura de um molusco raro, variedade Podestà. Mas o que parece meio confuso apenas está aplainando o caminho para que o happy-ending se faça no terreno romântico e na forma mais adequada: americano com americana, sardo com sarda. Se não sobra mulher para Carlos Thompson, é que o ator, além de argentino, passa de Casanova a vilão ainda na metade da história.

Há, é verdade, um mistério — que começa com a presença na ilha daquele americano taciturno e monossilábico, que se agrava quando êle diz que não toma whisky, que se complica mais com a descoberta, numa enseada secreta, de seu yacht. A chegada de Esther opera em Chandler o que nem uma Rossana como a Podestà havia conseguido — talvez pela barreira lingüística, talvez porque ela se tivesse recusado a repartir com êle um spaghetti enlatado. O fato é que Chandler foi milionário, virou o fio no terceiro casamento (por ter ensinado à mulher que três se divertem mais do que duas), e agora é neurótico. Mas o otimismo dos cenaristas de Hollywood ainda é maior do que a sua imaginação. E graças a Esther, que êle começa a apreciar melhor depois que a vê completar a volta da ilha a nado, Chandler recupera-se sem psicanálise — e, três vêzes infeliz no casamento, deixa o passado e a ilha e sai para o quarto, de yacht.

Raw Wind in Eden é o terceiro filme dirigido por Richard Wilson, antigo elemento do grupo de Orson Welles e, agora, reúne-se a outro daquele grupo, o produtor William Alland, que, a título de curiosidade, interpretou o repórter de óculos que saia atrás de "Rosebud", em Citizen Kane, para descobrir o seu significado. Richard Wilson começou prometedoramente, com um western de Robert Mitchum, Man with a Gun (Armado Até os Dentes), e depois foi menos feliz, dirigindo Errol Flynn, Gia Scala e Pedro Armendariz, em The Big Boodle.

Ainda é cedo para julgar o jovem diretor. A seu favor, neste Raw Wind in Eden, há sòmente o tom insólito de cenas isoladas. Contra Wilson, há tôda uma história, que pode até ter começado em casa (a autora é sua mulher, Elizabeth), mas que, saindo do terreno doméstico, nunca se acomoda na tela, mesmo a comprida, do CinemaScope. E' possível perceber, muito vagamente, uma boa idéia na inserção de certos costumes primitivos, mas ainda conservados em regiões como a Sardenha, no corpo de uma história moderna ou com personagens que, embora numa ilha, não raciocinam como Robinson Crusoe. Mas a idéia se esfarela porque, no fim das contas, ninguém ali raciocina. O melhor ângulo da direção de Wilson é sempre o dos decotes dos vestidos ou maillots de Esther Williams ou de tudo o que mostra ou esconde a Podestà, sêca ou molhada. Nisso, Raw Wind in Eden é pródigo, embora pudesse ser ainda mais generoso — e então talvez fôsse bom ou, pelo menos, seria melhor o espetáculo.

MONIZ VIANA

CARTAZ DE HOJE

BOATES

ARPEGE — Tel 57-4624 — "Waldir Calmon e seu Conjunto"
AU BON GOURMET — Jantar Ao Som do "Jazz Quartet" de Moacyr Peixoto
BACARAT — "Mariza E Jean Pierre"
CANGACEIRO — "Tito Madi"
CLUBE 36 — Tel 37-4790 — (Fechado)
BEGUIN — (Fechado)
CIRO'S — Tel 37-1191 — "Música E Dança"
DRINK — Djalma Ferreira e seu conjunto, apresentando passistas e ritmistas.
FRED'S — Tel 57-9789 — "Lilian Briggs"
GOLDEN-ROOM — fechado
LA BOHEME — Variedades, com cantores e humoristas
MA GRIFFE — Tel 57-5611 — "Dora Lopes e Bola Sete"
KEY-BOITE — "Fafá Lemos"
MAXIM'S — Tel 37-9644 — "Dança E Música Com Art Mesquita Ao Piano"
MEIA-NOITE — Maysa cantando
PIGALLE — Variedades e "strip tease"
NIGHT AND DAY — Tel 42-1119 — "Bela Época 1900 e 58" de Carlos Machado
NOVO MUNDO — "Jantares Musicados"
SACHA'S — Tel 37-6208 — Sacha e seu conjunto, com Murillinho de Almeida, Mirso Barroso e George Green
TUDO AZUL — "Américo Ao Piano"

TEATROS

TEATRO GINÁSTICO — "Rua São Luiz 27 — 8º" de Abilio Pereira de Almeida, pelo T.B.C.
TEATRO DE BOLSO — "Pedro Mico" de Antonio Callado, pelo elenco de Aurimar Rocha. Tel 27-3122
TEATRO COPACABANA — "Chá e Simpatia" de R. Anderson pela Cia Nydia Licia — Sérgio Cardoso
TEATRO CARLOS GOMES — "Os sete gatinhos" de Nelson Rodrigues, com Jece Valadão, Sandra Menezes e Eugênia Carlos
TEATRO DULCINA — fechado
TEATRINHO DA UNIÃO — "Exposição 1953", de Maria Inêz de Almeida, pelo elenco do "Stud 53"
TEATRO JARDEL — "As mãos de Eurídice", de Pedro Bloch, por Rodolfo Mayer
JOÃO CAETANO — Tel 43-4276 — "Boa é Apelido"
TEATRO DO LEME — "Luta até o amanhecer", de Ugo Betti, com o elenco do "Teatro de Hoje"
TEATRO DO MESBLA — "Negócios de Estado", de Verneuil, pela Cia Tônia-Celi-Autran
TEATRO RIVAL — "Dona Violante Miranda" de Abílio Pereira de Almeida, pela Cia Dercy Gonçalves
REPÚBLICA — (Fechado)
TEATRO MUNICIPAL — "Il Trovattore", de G. Verdi, a preços populares.
TEATRO RECREIO — "Rei Momo de Baby Doll", de Fernando D' Avila.
TEATRO SERRADOR — "Me dá um cheirinho só", de Luiz Iglesias
TEATRO SÃO JORGE — "O Vale De Electra"
TEATRO DA PRAÇA — Tel 37-1484 — "O Chapéu De Palha Da Itália"
TEATRO DA TIJUCA — "Maria Trapalhona" — Peça infantil — aos domingos às 10,30 da manhã
ZAQUIA JORGE — (Madureira) — "Gostoso E Fruta..." — (De Humberto Cunha) — (com Evilásio, Sabiquia, Dinorah Marzullo e Marchel...)
MAISON DE FRANCE — (Fechado)

PARQUES DIVERSÕES

PRAÇA DO CONGRESSO — "Festa Nacional Dos Estudantes".
QUINTA DA BOA VISTA — "Parque Shangai".

CINEMAS

LANÇAMENTOS

"A MÔSCA DA CABEÇA BRANCA" — com Al Hedison — Patricia Owens — Vincent Price — Herbert Marshall — Cinemascope — (Produção americana) — Palácio — Roxy — Pirajá — Madrid — Imperator.
"TORMENTA NO PARAÍSO" — com Esther Williams — Jeff Chandler — Cinemascope — Colorido — (Produção americana) — São Luiz — Rex — Rian — Leblon — Carioca — Coliseu — Santa Alice.
"TARA MALDITA" — com Nancy Kelly — Patty McCormack — (Produção americana) — Vitória — Copacabana — Miramar — América — Braz de Pina — Belmar — Bonsucesso — Natal — Vila Isabel.
"PEGA LADRÃO" — com José de Jesus — Francisco Dantas — Violeta Ferraz. — (Produção nacional) — Pathe — Para Todos — Mauá — Rio Branco — Santo Afonso — Nacional — Realengo — Del Castilho — Trindade — Caiçara.
"O ARROMBADOR DE COFRES" — com Ray Milland — Barry Jones — Jeannette Sterke — Ernest Clark — Cinemascope. — (Produção americana) — Metro-Passeio — Metro-Copacabana — Metro-Tijuca — Pax — Palácio Higienópolis.
"VALENTES ATÉ A MORTE" — com Jim Davis — Mary Castle — (Produção americana) — Odeon — Alaska — Tijuca.
"O JÔGO DECISIVO" — com Sophia Loren — Renato Salvatori — (Produção italiana) — Art-Palácio — Presidente — Rivoli — Riviera — Eskye (Tijuca) — Eskye (Meier).
"A GRANDE ESTRADA AZUL" — com Yves Montand — Alida Valli — Colorido — (Produção italiana) — Plaza — Astória — Olinda — Mascote — Colonial.
"A ÚLTIMA CANÇÃO" — com Sarita Montiel — Armando Calvo — Colorido — (Produção mexicana) — Azteca — São José — Ricamar — Caruso — Méier — Regência — São Pedro.

CENTRO

CINEAC CAPITÓLIO — "Jornais" — "Desenhos", Comédias e Variedades.
FLORIANO — "Amar E Morrer".
IDEAL — "O Filho Do Proscrito".
IMPÉRIO — "Glória Feita De Sangue".
IRIS — "Seu Destino De Glória".
MEM DE SÁ — Tel. 42-2232 — "Cem Garotas".
MARROCOS — Tel. 22-7979 — "A Ilha Da Bagunça".
POPULAR — Tel. 42-7128 — "Alforge Do Diabo".

Bairros — Subúrbios

ABOLIÇÃO — "O Filho Do Proscrito".
ALFA — "Rio Fantasia".
AVENIDA — Tel. 48-1667 — "O Filho Do Proscrito".
ÁGUA SANTA — "Ninho De Águias".
BOTAFOGO — "O Filho Do Proscrito".
BARONEZA — "Adeus Às Armas".
BANDEIRANTES — "Na Fúria De Uma Sentença".
CACHAMBI — "Escravos Do Amor Das Amazonas".
CAMPO GRANDE — Tel. C. G. R. 828 — "De Vento Em Popa".
CENTRAL — Tel. 30-3652 — "Tesouro De Pancho-Vila".
CARMOLY — (Vila da Penha) — "Alegria De Viver".
ESTÁCIO DE SÁ — Tel. 32-2923 — "A Tôrre Dos Monstros".
ENGENHO DE DENTRO — "A Casa Dos Segredos".
FLORESTA — Tel. 26-6237 — "De Vento Em Popa".
FLUMINENSE — "Escravos Do Amor Das Amazonas".
GLÓRIA — (São João de Meriti) — "Êsse Milhão É Meu".
GUANABARA — "O Bôca De Ouro".
GUARACI — "Aguenta O Rojão".
IRAJÁ — Tel. 29-0320 — "Êsse Milhão É Meu".
IPANEMA — Tel. 47-3806 — "O Filho Do Proscrito".
LEOPOLDINA — "Amar E Morrer".
MADUREIRA — "O Filho Do Proscrito".
MURIAÉ — "Obrigado A Matar".
MARACANÃ — "Valentes Até A Morte".
MARIANA — Tel 38-1337 — "O Ladrão Do Rei".
MARAJÁ — Tel. 28-7334 — "Aguenta O Rojão".
MARAJÓ — "No Reinado Da Guilhotina".
MODERNO — (Bangu) — Tel. 842 — "Represália".
MOÇA BONITA — (Padre Miguel) — "Amar E Morrer".
MONTE CASTELO — "Valentes Até A Morte".
MADRID — "Melodia Imortal".
ORIENTE — "Simba".
PALÁCIO SANTA CRUZ — "Os Paladinos De França".
PALÁCIO VITÓRIA — Tel. 48-1971 — "Madame Du Barry".
PARAÍSO — "Um Amor De Professôra".
PENHA — "O Corcunda De Notre Dame".
PILAR — (Pilares) — "Vamos Com Calma".
PIRAJÁ — Tel. 47-2668 — "Rio Fantasia".
POLITEAMA — "Filho Do Proscrito".
RAMOS — "A Vingança Do Águia Negra".
RYDAN — "É A Maior".
ROSÁRIO — "Teodora, A Imperatriz Bizancio".
ROULIEN — "Um Amor De Professôra".
SANTA HELENA — "Um Amor De Professôra".
SANTA CECÍLIA — "O Tesouro De Rommel".
SÃO JORGE — (Maria das Graças) — "Aventuras De Don Juan".
VAZ LOBO — Tel. 29-9108 — "Represália".

Governador

ITAMAR — "Em Cada Coração Uma Saudade".
JARDIM — "Tara Maldita".

Niterói

CASSINO — "A Última Canção".
CENTRAL — Tel. 3807 — "Tormenta No Paraíso".
ÉDEN — Tel. 6285 — "Valentes Até A Morte".
ICARAÍ — Tel. 3346 — "Tormenta No Paraíso".
IMPERIAL — Tel. 3120 — "Cem Garotas".
ODEON-NITERÓI — Tel. 2-2707 — "Êsse Milhão É Meu".
SÃO BENTO — "O Arrombador De Cofres".
SÃO JORGE — "Pega Ladrão".

Caxias

CAXIAS — "Seu Destino De Glória".
PAZ-CAXIAS — "O Bôbo Da Côrte".
POPULAR — Aventuras de Omar Khayyam".

Petrópolis

ART-PALÁCIO — "Aguenta O Rojão".
CAPITÓLIO — "O Filho do Proscrito".
D. PEDRO — Tel. 3100 — "Valentes Até A Morte".
PETRÓPOLIS — "Escravos Do Amor Das Amazonas".

T. RIOS

REX — "Para Que Os Outros Possam Viver".

VEJA NA 11.ª PÁGINA DO 2.º CAD. HORÁRIOS E PRÓXIMAS ESTRÉIAS.

VOCÊ ESTÁ EM BOAS MÃOS...

Estas são as mãos de um pilôto da Pan American. Milhões de quilômetros têm sido percorridos por mais de 1.400 pilotos da Pan Am. Por trás dêstes e da tripulação de vôo estão operações, manutenção e pessoal de comunicações cujo treinamento e experiência são inexcedíveis. E por trás de tudo está a Pan American World Airways, com mais de 30 anos de conhecimento e experiência de vôo em rotas internacionais.

Nestas mãos você pode confiar. A elas você pode confiar os que lhe são caros.

PAN AMERICAN
A LINHA AÉREA DE MAIOR EXPERIÊNCIA DO MUNDO

Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 165-A, tel.: 52-8070 - Em Copacabana: Av. N. S. de Copacabana, esquina de Rua Rodolfo Dantas, tels.: 36-3051 e 36-3052
São Paulo: Av. Ipiranga, 95-103, tel.: 36-0111

*Marca Registrada

NOVA ERA DO JATO DA PAN AMERICAN
Em sua próxima visita à Europa, viaje via Nova York e esteja entre os primeiros passageiros do Clipper*-Jato para o Velho Mundo. Conexões diretas, também!

Título
"'O Tesouro de Chica da Silva' estreou na Bahia", matéria publicada no jornal Correio da Manhã sobre a estreia da peça, que aconteceu no jardim da Escola de Teatro da Universidade da Bahia.

Fonte
Biblioteca Pública do Estado da Bahia

ID
72183

POPULAR/MODERNO, CIDADE/UNIVERSIDADE UFBA 70